

Idade de Ouro. Mostraram-se, pois, impermeáveis a todas as inquietações renascentistas, que levavam à confusão do natural e do maravilhoso, primeira etapa para um desligamento das interpretações medievais e que teria como prolongamento uma laicização gradual do pensamento.

Se os portugueses não manifestam nenhuma novidade nos moveis que os impelem aos descobrimentos, nem mesmo o fazem em sua maneira de colonizar; o manterem-se grudados às praias caracterizara, por exemplo, os italianos durante a Idade Média. A forma de colonização espanhola, com a penetração no interior das terras descobertas, essa sim diferia do tipo classico de colonização.

Esta a tese cuja defesa mereceu ao A. a Cadeira de Historia do Brasil, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da U.S.P., brilhantemente conquistada. No seu tratamento revela-se a extraordinária erudição do A., a par de um estilo que o coloca como um dos mais altos expoentes atuais de nossas letras.

M.I.P.Q.

59/05/16

O Estado de São Paulo

SBH

Pt 225 c.15 m.1

ram a circular a proposito da terra descoberta, a tal ponto que se pode falar numa incapacidade, propria aos espiritos da epoca, para conceber a diferença entre possível e impossível, e que seria um dos traços característicos da Renascença. O fato de penetrarem numa região temperada, onde inverno e verão não atingiam grandes extremos, onde os homens nus pareciam viver em estado de inocencia, não era sinal de que estaria realmente proximo daquelas paragens o Paraíso Terrestre, que as falas medievais descreviam justamente naqueles termos?

Os viajantes que se seguem a Colombo, ou alimentam, o mesmo sonho, ou, pelo menos, partem em busca de maravilhas, de que a procura da Fonte de Juventude constitui um dos melhores exemplos. Outra consequencia é a geografia fantastica e mitologica que vigora nesse periodo, povoando os lugares recém-descobertos de formas vivas descomunais e contrafeitas: cinocefalos, monoculi, homens caudatos, sereias, amazonas etc. E' em tal epoca que realizam os portugueses a descoberta do Brasil.

No entanto, enquanto os outros navegantes são impelidos pelo afã de ultrapassar o real, ou enquanto os outros cronistas só interpretam o que vêem através das fantasias renascentistas, os portugueses "nem por isso mostravam grande afã em perseguir quimeras" (pág. 8). Viajantes e cronistas, de Pero Vaz de Caminha a Frei Vicente do Salvador, manifestam "realismo comumente desencantado, voltado sobretudo para o particular e o concreto", e revelam "uma curiosidade relativamente temperada, sujeita, em geral, à inspiração prosaicamente utilitaria" (págs. 7-8). Se, por vezes, algum encontro extraordinario acarreta sugestões de misterio, não perdem tempo em discutir um significado profundo e ignoto, mas agem como se as coisas só existissem realmente a partir da experiencia. Atitude que contrasta inteiramente com a de outros navegantes e cronistas, para os quais o desconhecido desencadeava toda uma especulação sem fim para descobrir o sentido interior da Natureza e os designios da Providencia.

Os portugueses, esses vão vendo com seus proprios olhos o que realmente existe: "ainda que fossem muitas vezes sensíveis à atração da fantasia e do milagre, é principalmente o imediato, o quotidiano, que recebem todos os cuidados e atenções..." As proprias Indias, depois da viagem de Vasco da Gama, vão deixando de ser um país lendario, vão sendo conhecidas em seu aspecto verdadeiro através de descrições prosaicas; e com muito maior razão o Brasil que, desconhecido, nunca tivera o halo de magia e de misterio de que aquelas se rodeavam. As proprias lendas que se formam a respeito desta terra recém-descoberta, como a lenda do Dourado e a das Amazonas, "nascem fora de suas lindes, além do Brasil" (pág. 121). Diz-nos o A. que talvez esteja nesta predileção dos portugueses pelo que é, uma das razões de se adaptarem com tanta facilidade a climas, países e raças diferentes, pois desde o desembarque procuram ver tudo como realmente existe e não através dos disfarces da fantasia.

Em tal recusa do maravilhoso, quiseram muitos autores vislumbrar um progresso do pensamento português em relação ao resto da Europa; eles teriam apresentado já um germe da moderna maneira de ver as coisas, que permitiu o desenvolvimento da ciencia experimental, numa epoca em que o mundo europeu se deixava totalmente dominar pelo misterio, sem discernir entre possível e impossível. Teriam sido, pois, os portugueses os precursores da moderna objetividade.

No entanto, para o A., não se trata de uma manifestação de progresso, muito pelo contrario. Os portugueses se mantinham, isso sim, em plena Renascença, ainda inteiramente presos aos moldes do pensamento medieval; agiam serenamente impelidos pela convicção de que um fôso separa este mundo e o outro, acreditavam que o paraíso só se alcança após a existencia neste vale de lagrimas, e que sua localização era além-mundo, não havendo portanto razão nenhuma para procurá-lo com afã e ansiedade por todos os recantos desta terra. Nem mesmo a descoberta de ouro e diamantes no Brasil os fará descambar para interpretações que liguem tais maravilhas ao Paraíso Perdido ou à

BRASILIANA

Sergio Buarque de Holanda, VI-SÃO DO PARAISO (Os motivos edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil), São Paulo, 1958.

A interpretação de certos textos bíblicos dava o Eden como existente nalguma parte do globo, e as descobertas de Colombo foram fortemente influenciadas por elas; "nada o desprendia da idéia, verdadeiramente obsessiva em seus escritos, de que precisamente as novas Indias, para onde o guiara a mão da Providencia, se situavam na orla do Paraíso Terrestre" (pág. 19), e a formosura da paisagem do Haiti, onde aportara, era mais do que propria para fortalecê-lo naquela opinião. As noticias mais fantasiosas passa-

O Estado de São Paulo

16.05.1959